IX SIMPÓSIO Nacional Cerrado
Desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais
12 a 17 de outubro de 2008
ParlaMundi, Brasília, DF

II SIMPÓSIO Internacional Savanas Tropicais

DINÂMICA DA PRODUÇÃO EXTRATIVISTA DE PEQUI NO BRASIL

Marivânia Garcia da Rocha[1]; Tito Carlos da Rocha[2]; Jozeneida Lúcia Pimenta Aguiar[2]; Nilton Tadeu Vilela Junqueira[2], *([1]CNPq; [2]Embrapa Cerrados, BR 020, KM 18, Planaltina, DF.)*

Palavras-chave: pequi, extrativismo, área de concentração, série histórica.

Introdução

O pequi pertence à família *Caryocaraceae*, gênero *Caryocar L.*, engloba cerca de 20 espécies. Sua ocorrência está associada às áreas de Cerrado, freqüentemente encontrado nos Estados da Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo, Tocantins e Distrito Federal (ALMEIDA *et al*, 1998).

Atualmente, a exploração econômica dessa espécie é considerada uma prática ambientalmente sustentável. A importância sócio-econômica é verificada no conjunto de atividades, desde coleta, transporte, beneficiamento, comercialização e consumo, tanto do fruto "in natura" quanto dos produtos derivados. (POZO, 1997; OLIVEIRA, 2006; MEDAETS *et al*, 2007). O óleo de pequi, um dos principais produtos obtidos a partir da transformação do fruto, é tradicionalmente utilizado pela população nas regiões de ocorrência.

O uso de matérias-primas de origem extrativista está condicionado a sazonalidade do produto, soma-se ao fato que a produção agroindustrial fica subordinada ao fornecimento de suprimentos. A frutificação do pequi é anual e irregular entre safras, ocorre entre o período de novembro a fevereiro dependendo da região (ALMEIDA *et al*, 1998).

Apesar de certa quantidade de trabalhos sobre suas características agronômicas e sócio-econômicas, verifica-se a necessidade de organização e sistematização desse conhecimento, que possa ser utilizado na elaboração de estratégias de avaliação do seu potencial agrícola e industrial. O objetivo deste trabalho é fazer uma abordagem quantitativa sobre dinâmica espacial e temporal do extrativismo do pequi no Brasil.

Metodologia

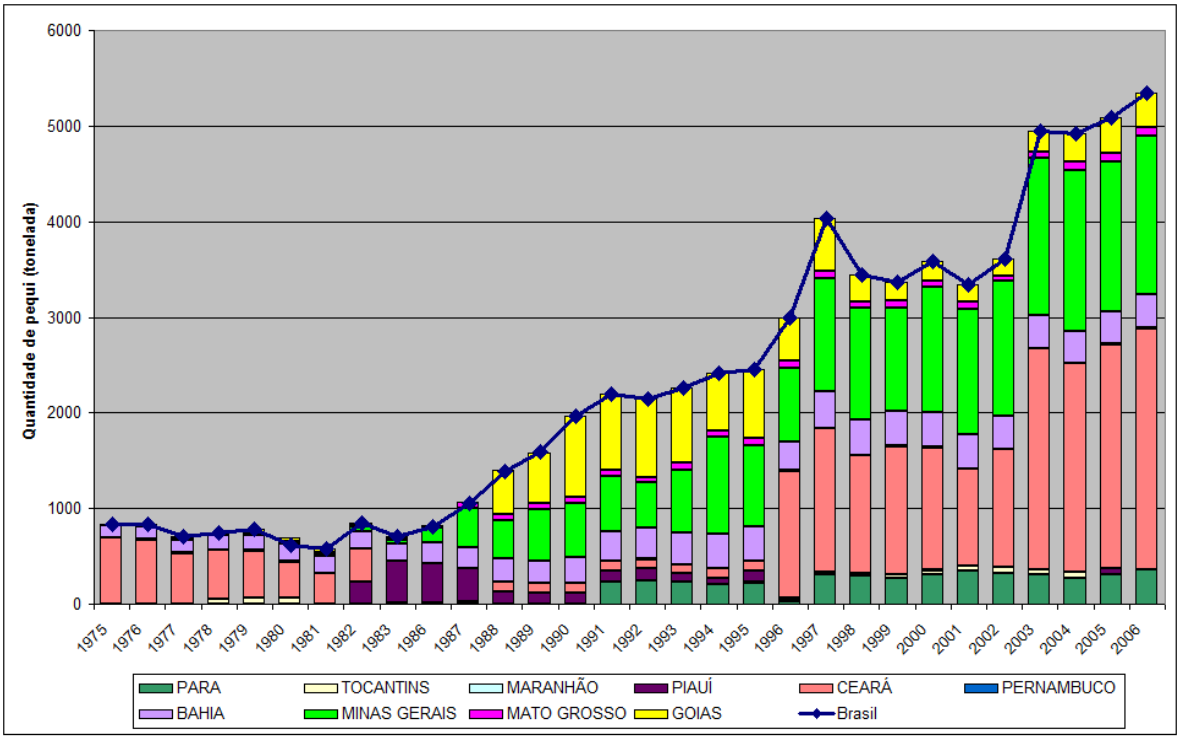
Os dados para gerar a série histórica da quantidade da produção extrativa de pequi (amêndoa)[1] para o período de 1990 a 2006 e também o mapa de distribuição geográfica, foram obtidos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelo Sistema de Recuperação Automática (SIDRA). Para o período de 1975 a 1989 as informações foram recuperadas no acervo do IBGE-DF, Produção Extrativa Vegetal.

Resultados e discussão:

No Brasil em 2006, conforme registros do IBGE foram extraídas 5.351 t de pequi, das quais 53,76% provem da Região Nordeste, 30,97% da Região Sudeste, 8,52% da Região Centro-Oeste e 6,75% da Região Norte.

A produção extrativa nacional do pequi, segundo dados do IBGE, evolui de 841 t em 1975, para 5.350 t em 2006, um crescimento da ordem de 536,1%, ou um crescimento médio anual da ordem 17,3% nos últimos 31 anos. A produção média anual foi de 2.175,7 t, 2.998,3 t, 4.060,5 t, para os períodos 1975-2006, 1986-2006, 1996-2006, respectivamente. Esta evolução está representada na Figura 1 e demonstra uma tendência crescente de exploração da espécie.

[1] Nota dos autores: O IBGE não conceitua detalhadamente a variável investigada em seus documentos. Conforme informações não oficiais a quantidade medida da produção extrativa de pequi "amêndoa" refere-se ao fruto (Contato telefônico em 27/06/2008, Sr. Marco Aurélio – IBGE Montes Claros).



*Dados referentes aos anos de 1984/1985 não foram encontrados.

Figura 1. Evolução da Produção Brasileira Extrativa de Pequi - 1975-2006
Fonte: IBGE

Observa-se também (Figura 1) que a evolução da produção extrativa estadual do pequi, período de 1975 a 2006, limita-se a dez Unidades da Federação: Pará, Bahia, Tocantins, Minas Gerais, Maranhão, Mato Grosso, Piauí, Goiás, Ceará e Pernambuco.

Variações importantes acontecem nas produções estaduais, que poderiam ser explicadas por causas que vão desde critérios censitários, passando por avanços e recuos da pressão dos segmentos sociais com atividade extrativista sobre o meio ambiente, em função da conjuntura do setor agrícola, até o avanço da fronteira agrícola. São causas e questões que fogem ao objetivo do presente trabalho.

Na Tabela 1 está descrita a quantidade acumulada de pequi extraída nas últimas três décadas, por Unidade da Federação, em ordem decrescente de importância. Tanto em relação à produção acumulada no período de 1975 a 2006, quanto ao extraído no ano de 2006, verifica-se nas duas últimas colunas que há coincidência no ranking até a quinta posição que

representa 93,1% da produção extrativa. Os Estados do Ceará e Minas Gerais lideram a produção com mais de 60% do total.

Tabela 1. Brasil - Produção Coletada de Pequi Por Estados – 1975-2006.

Unidade Federativa	Produção Acumulada 1975 - 2006		Produção em 2006	Classificação	
	tonelada	%	(t)	do período 1975-2006	no ano de 2006
Ceará	22.968,8	32,9	2.517	1	1
Minas Gerais	20.540,8	29,5	1.657	2	2
Goiás	8.986,0	12,9	365	3	3
Bahia	8.160,4	11,7	351	4	4
Pará	4.253,0	6,1	356	5	5
Piauí	2.378,5	3,4	---	6	9
Mato Grosso	1.663,1	2,4	91	7	6
Tocantins	591,0	0,8	6	8	7
Maranhão	74,0	0,1	3	9	8
Pernambuco	98,3	0,1	5	9	8
Total Brasil	69.713,9	100.0	5.351		

Fonte. IBGE

A distribuição da produção extrativa de pequi, em 2006 (Figura 2), nota-se quatro principais áreas de concentração produtoras de pequi:

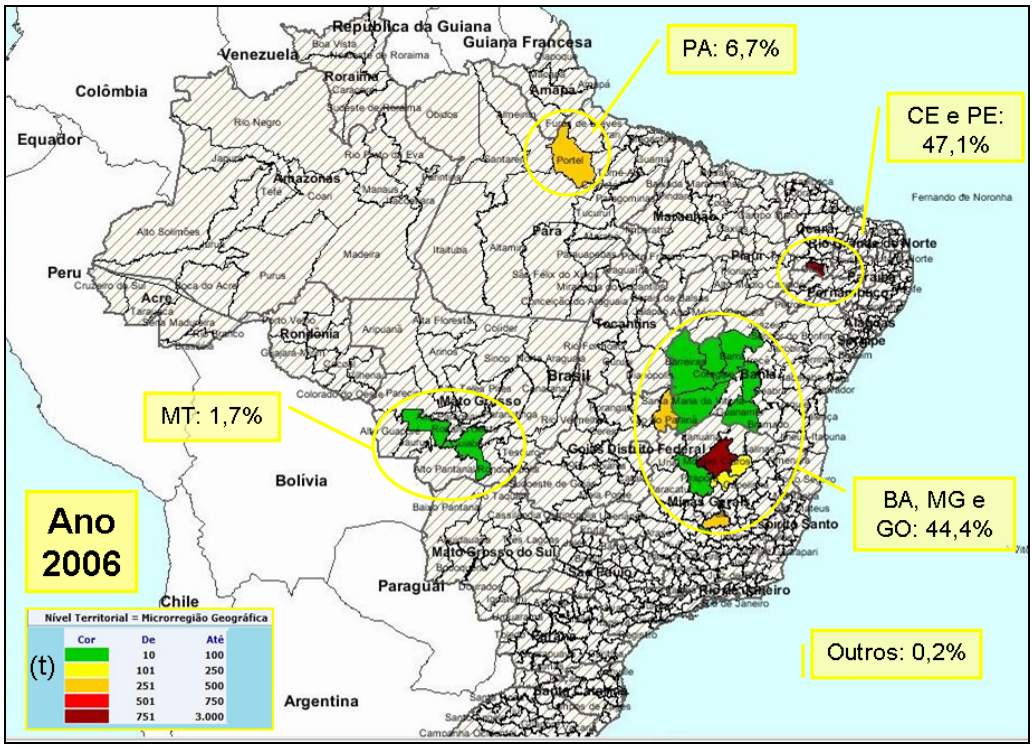


Figura 2. Quantidade produzida de pequi nas principais por Microrregiões em 2006

Fonte. IBGE

1) Ceará e Pernambuco (47,1%) especificamente concentrada na região do Cariri localizada na Chapada do Araripe; 2) Minas Gerais, Bahia e Goiás (44,4%), a produção nesta área de concentração é mais dispersa, o pequi é produzido principalmente no norte mineiro, oeste baiano e leste goiano; 3) Pará (6,7%) e Mato Grosso (1,7%).

A somatória das duas principais áreas de concentrações representam 92,5% da produção nacional. Essas concentrações podem ser explicadas por se tratar de áreas de preservação ambiental, áreas em que existe a cultura do sertanejo em relação ao consumo do fruto, ou áreas que possuem terrenos bastante acidentados que tornam difícil a expansão agrícola de forma mecanizada.

Ao analisar a série histórica da quantidade da produção extrativa de pequi, a nível de microrregiões (Figura 3), verifica-se fortes oscilações que dificultam a visualização de uma linha de tendência generalizada da produção regional.

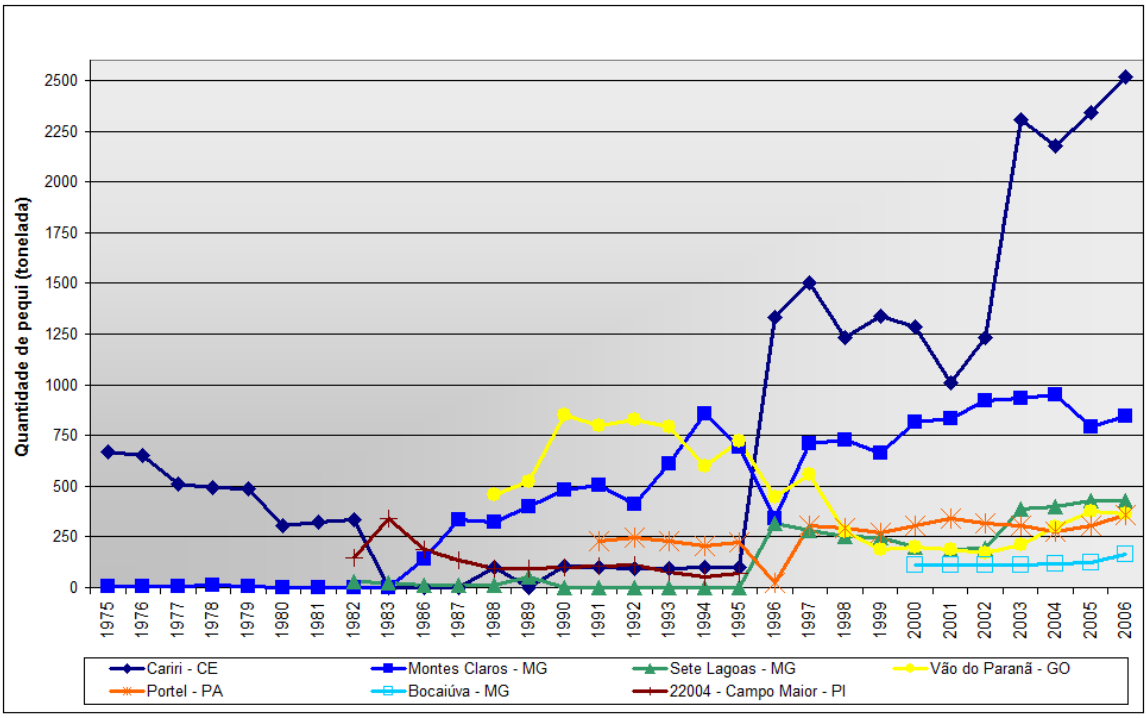


Figura 3. Quantidade produzida de pequi nas principais Microrregiões no período de 1975 - 2006
Fonte. IBGE

Entre 1975 e 1982, a microrregião do Cariri ocupou posição de maior produtora, com média anual registrada de 473 t por ano.

No período de 1983 a 1995 registrou-se um declínio abrupto da produção, na microrregião do Cariri, chegando a períodos de ausência de registro de coleta. Enquanto que, neste mesmo período, as microrregiões de Montes Claros - MG e Vão do Paranã – GO surgiram no cenário como maiores produtoras, atingindo a safras recordes de 855 e 850, respectivamente. A microrregião de Portel – PA contribuiu para esse mesmo período somente a partir de 1991, com uma média anual de 226,80 t.

A microrregião de Campo Maior – PI chegou a produzir mais de 343 t no ano de 1983, posteriormente, registrou produção declinante até tornar-se inexistente em 1996.

Os anos de 1996 e 1997 estão em destaque em relação às oscilações ocorridas. Em 1996, as microrregiões do Cariri e Sete Lagoas tiveram saltos na produção, enquanto as microrregiões de Vão do Paranã – GO, Montes Claros – MG e Portel - PA obtiveram quedas bruscas. Já em 1997, as microrregiões de Montes Claros – MG, Vão do Paranã – GO e Portel – PA aumentaram o volume de produção. No entanto, o comportamento torna-se bem distinto entre estas microrregiões até o ano de 2006.

Desde o ano de 2000, a produção de pequi está concentrada em sete microrregiões, que representam juntas aproximadamente 90% da produção nacional. Em 2006, a produção foi liderada pela microrregião de Crato – CE (47,05%), seguida das microrregiões de Montes Claros - MG (15,81%), Sete Lagoas – MG (7,98%), Vão do Paranã – GO (6,82%), Portel – PA (6,65%), Bocaiúva (3,08%) e Grão Mogol - MG (2,64%).

A microrregião de Crato – CE, maior produtora, apresentou um comportamento instável ao longo da série histórica. Ressaltam-se dois momentos importantes do aumento de produção desta região, em 1996 e 2003, que pode indicar novas técnicas de exploração e manejo, aumento na demanda ou mesmo aumento de interesse econômico pela atividade. Para melhor compreender este comportamento outras pesquisas se fazem necessárias.

Nesse sentido, faz-se necessário constatar a potencialidade de outras áreas de concentração mais densas, observando para que seja um extrativismo racional e não haja extinção da espécie nas áreas exploradas. Pode ser que sejam encontradas áreas distantes dos centros urbanos, neste caso a logística deve ser avaliada.

Por exemplo, certas áreas na região amazônica são densamente povoadas de pequizeiros nomeadas pelos indígenas de piquiatuba, que significa floresta de piquiá. No

noroeste e nordeste do Estado de Minas Gerais são encontradas áreas de concentração em zonas de baixa densidade demográfica, que se mantiveram intactas e salvas do desmatamento predatório (BRASIL, 1985). No entanto, não constam registros de exploração nestas áreas.

Deve-se verificar que mudanças no uso e exploração do extrativismo podem significar rápida escassez levando até mesmo a extinção da espécie. Pozo (1997) cita que o pequi inicia sua produção a partir de oito anos e tem uma vida útil de cerca de 50 anos. Segundo Homma (1989 p. 491), os recursos extrativos estão sujeitos a dois tipos de extração: o de coleta e o de aniquilamento, a observar a taxa de recuperação da espécie e da degradação, que "Quando essa extração supera a velocidade de recuperação o caminho natural é sua gradativa escassez até tornar antieconômica essa atividade".

Conclusão

Embora o levantamento das áreas de produção extrativa de pequi, no presente trabalho, não contemple todas as áreas de ocorrência e concentração da espécie, considerando que o IBGE apresenta apenas áreas onde há visibilidade sócio-econômica, as informações preliminares são importantes e norteadoras para a intenção de uma exploração industrial.

A atividade extrativa de pequi no Brasil sofre grandes oscilações de produção, tanto no arranjo geográfico quanto em relação às safras regionais ao longo do tempo. Nota-se que o resultado da produção nacional é polarizado por algumas microrregiões específicas, ocorrendo mudanças de posições de acordo com o período. A produção extrativa de pequi apresenta comportamento irregular com mudanças bruscas, rupturas em determinadas regiões tradicionalmente produtoras, picos de produção em outras e surgimento de novas áreas. As causas e efeitos dessas variações vão além de estudos de série temporal necessitando, portanto, de levantamentos detalhados de campo.

Em que pesem as oscilações, conclui-se que a produção nacional de pequi é crescente e está historicamente concentrada nos mesmos Estados. Observa-se na distribuição geográfica duas áreas de concentração de maior importância, uma na região do Cariri (CE e PE) e outra na região que abrange o norte mineiro, o oeste baiano e o leste goiano. A microrregião de maior expressividade é a de Crato – CE, seguida da microrregião de Montes Claros - MG.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. **Cerrado: espécies vegetais úteis.** Planaltina. EMBRAPA – CPAC.1998. p. 107-112.

BRASIL. Ministério da Indústria e do Comércio. Secretaria de Tecnologia Industrial. **Produção de combustíveis líquidos a partir de óleoa vegetais.** Brasília. 364 p. 1985.

IBGE/SIDRA – Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA. **Produção Extrativa Vegetal.** Quantidade produzida na extração vegetal por tipo de produto extrativo. 2008. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

MEDAETS, J.P.; GREENHALGH, A.A; LIMA, A.C.M.A.; SOUZA, D.F. **Agricultura Familiar e uso sustentável da agrobiodiversidade nativa.** Programa biodiversidade Brasil Itália. Brasília, DF. 2006. 172p.

OLIVEIRA, E. **Exploração de espécies nativas como uma estratégia de sustentabilidade socioambiental – O caso do pequi (*Cariocar brasiliense Camb.*) em Goiás.** UnB-CDS. 2006. 281 p. (Tese de Doutorado)

POZO, O. V. C. **O Pequi (*Caryocar brasiliense*): uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do cerrado no norte de Minas Gerais.** UFLA. 1997. 100p. (Dissertação de Mestrado).